

## **Templos de Memória: Patrimônio, Arqueologia e identidade na informalidade de museus comunitários Amazônicos.**

TATIANA DE LIMA PEDROSA SANTOS \*

Partindo de reflexões em cima de conceitos chaves tais como cultura material, arqueologia, artefatos, museus, museologia e patrimônio esta pesquisa tem como objetivo principal discutir sobre a situação de museus comunitários, ou museus informais que se formam em detrimento da urgência de se resguardar e preservar os artefatos encontrados em determinados locais no Amazonas. A análise se volta a perceber que tipo de ação (quando esta existe), vem sendo desenvolvida principalmente pela comunidade, ou iniciativa individual numa tentativa latente de proteção e preservação desses artefatos em sua esfera patrimonial. Nesse sentido, sendo o museu um espaço privilegiado no que tangencia um processo educativo de que forma está se refletindo sobre esses espaços como instituições promotoras de identidade e representação cultural.

Palavras-chave: Arqueologia, Museus, Comunidades, Amazonas.

### INTRODUÇÃO

Inúmeros são os casos que se perpetuam ao longo do Amazonas de pequenos “museus informais” estabelecidos por conta da urgência de se salvaguardar os artefatos arqueológicos porventura encontrados em determinados locais. A necessidade premente e o entendimento muitas vezes esparso e superficial de que a cultura material encontrada é antiga e, portanto

---

\* Professora Doutora da Universidade do Estado do Amazonas – Curso bacharelado em Arqueologia e Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas/ Arqueóloga Responsável pelo Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza – Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas.  
tatixpedrosa@yahoo.com.br

digna de se preservar faz com que muitas vezes os moradores locais por iniciativa própria criem espaços que no seu entendimento possam dar um fim garantido ao patrimônio achado.

Com o passar do tempo esses espaços acabam que se estabelecendo como museus referendados pela própria comunidade e ponto de apoio onde se pode salvaguardar a cultura material constantemente encontrada.

Diante dessa problemática se faz premente refletir em cima de conceitos chaves tais como cultura material, arqueologia, artefatos, museus, museologia e patrimônio e qual a relação destes com dinâmicas que acabam por se repetir em vários pontos do Amazonas.

Ao longo dos anos percebe-se que se intensificou ainda mais os estatutos (de cunho preservacionistas) recorrentes as inúmeras peças arqueológicas encontradas ao logos das calhas dos muitos rios da região do Estado do Amazonas, porém ainda se tem um vazio no que concerne a planos de intervenção e ação cultural em detrimento de uma dinâmica associativa que busque reforçar ou auxiliar as práticas de museus comunitários.

Nosso ponto de partida acaba sendo o de discutir os embates travados por essas comunidades e ou, comunitários para serem referendadas como instituições legais. Destarte a análise se volta a perceber que tipo de ação (quando esta existe), vem sendo desenvolvida em detrimento desses espaços que são repositórios de memórias, identidades, e cultura.

Os museus aqui referendados se ligam de forma incomum à medida que neles identificamos caracteres pareados. São eles repositórios de memórias e podem eles transformar-se em agentes únicos no fortalecimento e na preservação não só dos artefatos arqueológicos encontrados, como também de artes e ofícios tradicionais a comunidade em questão.

Por outro lado é necessário que para além dos embates travados muitas vezes em torno do reconhecimento desses espaços no que tange a uma esfera institucional e legal, talvez tenhamos que nos ater a outra perspectiva: é preciso ter cuidado com esses espaços, já que dentro e no que delinea sua interface pedagógica estes precisam sofrer constantemente um plano ou ação cultural que os dinamize, ou seja, que não se tornem matérias estanques. Ao contrário que os mesmos enquanto alternativas de preservação e sobrevivência de peças

arqueológicas mobilizem a comunidade e seus visitantes e que se tornem pequenos elos de conhecimento na tripartia; museu-comunidade-pesquisa.

## DE QUANDO A CULTURA MATERIAL ENCONTRA UM LUGAR

Crescem em número as preocupações em torno das sistemáticas e discursos sobre Patrimônio, identidade, memória, cultura, e daí por diante. A afirmação da Arqueologia, enquanto ciência discursiva, prática e moderna, depende dessas discussões. Para tanto, talvez seja necessário voltarmos as nossas atenções à palavra chave: identificação.

Não se pode praticar arqueologia sem o mínimo exercício de identificação. A identificação com o objeto, com a coisa, com o artefato ou o que se queira, faz parte de uma dinâmica que está intimamente ligada com o “saber-fazer” arqueológico. Que, por sua vez, parece nos dias de hoje padecer com uma verdadeira obsessão na salvaguarda dos Patrimônios. Essa mobilização geral em torno dos Patrimônios vem a representar nossas discussões em que podemos vislumbrar claramente a maneira ou a forma como nos associamos a uma determinada identidade.

E, portanto, tem tudo a ver com Cultura Material, quando essa, arquitetada na mente e transposta no mundo, materializa-se e é reconhecida como um código público e partilhado ou como código privado e particularizado. Daí talvez advenha nossa sensibilidade junto àquilo que chamamos bens culturais, patrimoniais, históricos e arqueológicos e assim por diante. Já que identificamos nestes, aquilo de mais palpável e que nos aproxima de nossas memórias.

Nossas memórias são, para nós, evidências de que aquilo que temos como caro e particular, não caiam no esquecimento. No silêncio da História que, por vezes, silencia e tangência essas memórias, pode-se encontrar um elo, um lugar em que podemos ancorar ou repousar nossas lembranças desse passado.

A memória está em permanente evolução, aberta a uma constância direta da dialética do uso, do esquecimento, das revitalizações. Suscetível à afetividade ao sentimentalismo de nossas lembranças, a memória é sempre mágica e sacralizada já que é múltipla e multiplicadora. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto.

Nossas memórias são nossas heranças. Ao tratarmos de Patrimônio estamos lidando com nossas heranças. Dentro de uma prerrogativa daquilo que queremos deixar como nosso, e daquilo que queremos resgatar como nosso. Assim, nesse emaranhado que é edificar o patrimônio através da Cultura Material, surfamos por percepções que transcendem ao material e chegam a nós através do imaterial, como herança inestimável.

*A realidade para homem/sujeito só se emprenha de sentido através de uma representação afetiva, cognitiva, sensorial ou intuitiva, articulada com o social (pp 50). (...) O museu é um templo do tempo da memória. Os bens Culturais musealizados estão fora da roda gigante do consumo, eles existem como um desafio (ou um roubo) à morte, como um duelo com o tempo ou um desejo de projeção de tempo A no tempo B (CHAGAS, 1994; 50 e 55).*

Quando a cultura material é identificada como objeto de memória nas comunidades do estado do Amazonas ela cria e recria um elo forte com o sentimento de pertença e de herança histórica. O que por sua vez gera o sentimento por parte destes de salvaguardar aquilo que um dia pertenceu a um ente querido, ou a um parente antigo, ou até antigos povos que habitaram o chão que hoje pertence à comunidade. A cultura Material aos olhos daquela comunidade passa a ser um bem cultural que agora é identificado como patrimônio local.

Segundo Jean-Marie Domenach (1963), o objetivo das políticas culturais deveria não só restringir-se a proteção do patrimônio, mas principalmente por os indivíduos e grupos em condições de recompor uma personalidade e uma identidade.

É comum no estado do Amazonas encontrarmos casos de “museus informais” que nascem da perspectiva de proteção e preservação da cultura material encontrada no local.

Este fenômeno acontece quando a Cultura Material encontra um lugar em que possa ancorar e, portanto este passa a ser significação de repositório cultural para a determinada comunidade.

Se faz premente trazer a discussão que relaciona os embates e as alternativas dessa dinâmica que é comum nas comunidades amazônicas. Segundo Motta (2015), estudos que integram e relacionam museu e patrimônio, seus processos, suas intercessões e divergências à luz de sua importância frente à formulação da identidade e da preservação das histórias e memórias são de suma importância. Eles possuem a capacidade de fornecer suporte às ações de difusão do conhecimento e à formação de políticas públicas, principalmente, para a área da cultura. (MOTTA, 2015: 13)

Assim, de acordo com o que vimos até aqui, pretende-se trazer o exemplo de dois casos no Estado do Amazonas de museus informais criados ou ratificados por suas comunidades, e que enfrentam (ou já enfrentaram) no seu dia-a-dia as problemáticas de políticas culturais que não os reconhecem como instituições legais ou que não entram em planos culturais que não só visem um maior aprofundamento destes no que tangencia sua relação pedagógica com a comunidade, como também em planos que possam fomentar apoio a esses espaços.

## DE COLEÇÕES E COLECIONADORES

É importante perceber que a maioria desses museus informais ou eco museus são formados em contextos de coleções privadas. Nossa prerrogativa não seria discutir a prática do colecionismo em si, mas até por sua importância se faz coerente compreender que toda esta dinâmica de colecionar está intrinsecamente afinada ao desejo formador desses museus.

Esse colecionismo como prática social caminha afinado com o contexto histórico de cada espaço e, portanto é triado de certa forma a partir da tipologia única desses museus enquanto estudos de caso.

Em algumas das coleções, apesar de a disposição dos objetos, necessariamente, não estar pautada e, a todo momento, correlacionada ao discurso escrito ou falado, a narrativa está presente na medida em que os acontecimentos possam estar sendo representados pela via da cultura material. A expansão dos sentidos de uma cultura por meio dos objetos é uma maneira de divulgação que está implícita no ato de comunicar. (MARQUES e KLAUS, 2009; 70)

Dessa forma, torna-se viável compreender os enlaces possíveis entre a história formativa desses museus correlacionando-as com a de seus colecionadores.

#### MUSEU DE ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA DE MAUÉS.

Surgindo no final dos anos de 1999, o museu de arqueologia e história de Maués teve como figuras exponenciais o casal Waldo Monteiro (Seu Barrô, como é costumeiramente conhecido) e sua esposa Ruth Monteiro. O Museu está situado numa rota fluvial em que se tem acesso ao Rio Negro, Amazonas e Maués-açu, o que torna a cidade atrativa a pesquisa em arqueologia pré-colonial já que está situada numa zona de médio Amazonas.

E não é para menos Maués impressiona pela quantidade de cerâmica arqueológica encontrada no dia-a-dia de seus habitantes que beiram, segundo os dados do IBGE, a 53 mil pessoas.

Segundo Silva (2014), a interação com o meio ambiente no período pré-colonial da Amazônia foi intensa pelas populações humanas que habitavam os vales dos rios da região. Durante esse processo, o homem pré-colonial deixou no subsolo fragmentos de sua história, cujo modelo de vida ocorreu por milênios. (SILVA, 2014: 29)

Institucionalmente o museu faz parte do CULTUAM – Centro de Preservação, Conservação da cultura – Arte e Ciências, também coordenado pelo senhor Waldo, mas funciona na casa do casal, apesar de possuir cadastro no IBRAM, carece de apoio financeiro.



MEMORIAL Paulo Freire - AGROVILA, COMUNIDADE AMAZONINO MENDES, TARUMÃ- MIRIN.

Na margem direita do Rio Negro, no igarapé Tarumã-Mirin, temos a comunidade Agrovila Amazonino Mendes cujo marco de fundação data de 1994. A comunidade é uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé onde constantemente sofre com os achados arqueológicos. Para tanto conta com o apoio do Memorial Paulo Freire, museu de arqueologia ou eco museu Tarumã criado em 20XX sob o apoio institucional da prefeitura local.

As peças hoje devidamente alocadas no eco museu só podem estar dispostas devido a pessoa do professor e morador local, Eliel Macedo. O sr. Eliel como é conhecido entre os habitantes locais é um professor de história aposentado, que chegou a agrovila em 1983 e acabou por se envolver com a arqueologia e historia da região. Muito sobre a prerrogativa da urgência de se salvaguardar as inúmeras peças que os habitantes locais entregavam a ele.

O eco museu surge então de uma sala da casa do Sr. Eliel, que viu naquelas peças a possibilidade de reconstrução da arqueologia e história local, e que viu também uma prerrogativa importante no que tangencia a Educação Patrimonial da comunidade. Destarte no momento em que a coleção começaria a ganhar volume o eco museu passaria a fazer parte de uma das salas da Escola Municipal Professor Paulo Freire.

Eis que temos uma síntese de como essas peças de tamanha importância se constituem numa dimensão dinâmica e ao mesmo tempo atrativa em detrimento de sua preservação e proteção. O memorial hoje carece de um plano cultural e ao mesmo tempo apoio na sua subsistência. Esta se dá apenas sob a pessoa do Sr. Eliel que é seu verdadeiro curador e anjo da guarda.

Constantemente o Memorial só pode fomentar, salvaguardar e extroverter, a arqueologia e histórias locais a partir de suas encasáveis prerrogativas de captação de apoio, divulgação e cursos locais. Hoje, a comunidade através de oficinas artesanais produzem réplicas dos artefatos, que não só tem como fim único a geração de renda de parte da população, como também se constitui como principal vetor de manutenção de memória. Já

que os padrões decorativos, as técnicas de produção, estão sendo paulatinamente repassados de geração a geração.

## OS MUSEUS COMUNITÁRIOS E SUA IMPORTÂNCIA.

A questão dos museus comunitários e de sua acessibilidade, de seu alcance em relação à comunidade vem crescendo enquanto tema de debates. Se uma das missões dos museus, segundo o Código de Ética para Museus, é preservar, interpretar e promover o patrimônio natural e cultural da humanidade, então, se faz urgente discutirmos o lugar que esses pequenos museus exercem e suas práticas sociais.

No Amazonas precisamos discutir suas práticas muito em detrimento da ação de proteção que esses Museus exercem em virtude do quantitativo massivo de tráfico de objetos que ocorrem na região. Segundo Bezerra (2009), este é outro assunto que incomoda e que merece atenção; o tráfico de objetos arqueológicos. Este não é o escopo de nosso trabalho, porém não poderemos fugir dessa discussão a medida que vemos que os museus comunitários poderiam vir a somar esforços para a inibição dessa prática que é tão comum na Amazônia como um todo.

A questão do saque de sítios arqueológicos e a comercialização dos objetos deles retirados envolvem aspectos que se estendem da fiscalização à educação, e sublinham a urgência de nos envolvermos mais nas comunidades onde trabalhamos. (BEZERRA, 2009, 290)

Pensando nessa situação é que vislumbramos a possibilidade de se utilizar esses museus locais como ponto ou espaço de apoio nas prerrogativas e ações que inibem o tráfico de objetos.

De fato, os museus comunitários, não só se revestem de uma prática simbólica e institucional importante para essas comunidades como também se impõem um exercício prático cuja responsabilidade é específico a proteção dessas peças bem como a possibilidade



de resguardar o contexto primário das mesmas e sua conservação mediante acervos específicos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, não há motivos para se esperar atuações que viabilizem o reconhecimento e planos culturais voltados a esses pequenos museus, bem como seu reconhecimento e proteção pelos órgãos competentes afim de que se possa criar mais uma vez um elo com um espaço que está fisicamente mais próximo das comunidades, e que portanto, pode ser um instrumento gerador e transmissor de conhecimento e pesquisa, bem como protetor e repositório de nossas memórias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARQUES e HILBERT. Coisas colecionadas: um jeito (conceitual e intuitivo) de lidar com a cultura material. *MÉTIS: história & cultura* – v. 8, n. 16, p. 43-72, jul./dez. 2009.

SILVA, Carlos Augusto da. A reprodução de vidas em sítios arqueológicos na Amazônia. EDUA editora: Manaus, 2014.

BEZERRA, Márcia e NAJJAR, Rosana. Semióforos da riqueza: Um ensaio sobre o tráfico de objetos arqueológicos. *Habitus*, Goiania, v.7, n1/2, p. 289-307, jan/dez. 2009.

SOUZA E SCUDELLER. Diversidade Sociocultural Meio Físico. IN: BioTupé: Meio Físico, Diversidade Biológica e Sociocultural do Baixo Rio Negro, Amazônia Central - Vol. 03, Manaus, 2011.

MOTTA, Ana Gláucia Oliveira. O Museu de São Benedito do Rosário: Musealização como parte de uma política preservacionista do patrimônio cultural. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio UNIRIO/MAST - RJ, Fevereiro de 2015.

DOMENACH, Jean m. A propaganda Política. Editora: Difusão Europeia do livro, Rio de Janeiro; 1963.

NOGUEIRA, Sandra. A Cultura material no processo educativo: museus, objetos e ofícios tradicionais na reconstrução de identidades e evocação de memórias. PASOS. Revista de turismo y Patrimonio Cultural. Vol 1. No. 1 pags. 97-103, 2003.

CHAGAS, Mário de Souza. No Museu com a turma do Charlie Brown. Cadernos de Museologia. No. 2, pp 49-65, 1994.